

Viriato Gaspar

*Fragmuitos
De Mim*

POEMAS REUNIDOS

(1984-1994)

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2023

ÍNDICE

(a Ferreira Gular)

O homem é a matéria do meu canto,
qualquer que seja a cor do que ele sente.
E não importa o motivo do seu pranto,
é um homem, meu irmão, e estou doente

de sua dor, e é meu o seu espanto
do mundo e desta hora incongruentes.
Na trincheira do Verbo me levanto
contra o que contra o homem se intente.

O homem é o objeto e o objetivo
de quanto sei cantar, e o canto é tudo
que pode me explicar porque estou vivo.

Às vezes sou ateu, noutras sou crente,
em outras sou rebelde, em algumas mudo:
— sou homem, e canto o homem no presente.

PREFÁCIO

(a José Chagas, em memória)

Para que o mundo não pesasse tanto
nem me doesse tão profundamente,
era preciso que não houvesse pranto
ou que meu coração fosse dormente.

Para que a vida me fosse tranqüila
(não esse pantanal que a vida medra
e onde a própria existência se aniquila),
era preciso que eu fosse de pedra.

Mas como eu não sou cego, surdo ou mudo,
e a vida e o mundo, a hora e o homem, tudo
me pesa com sua crosta de agonia,

ergo meu canto como uma trincheira,
sabendo-o parco, mas sentindo inteira
a dor de cada um, que a minha expia.

CANTO-CHÃO

Eu canto esta canção, pequena e frágil,
chibata de canhão, tiro de flores,
cortante como um grito, mas volátil
e breve como a febre dos amores.

Eu canto esta canção, que vem dos mangues,
dos subúrbios, dos guetos, dos esgotos,
molhada de suor, suja de sangue,
canção estropiada de homens rotos.

Eu canto esta canção, berro de horror,
repleto de si mesmo como um ovo.
Eu canto este rugido que escapou
por entre os dentes podres do meu povo.

PESSOAL E INTRANSFERÍVEL

Antes que as minhas mãos se tornem pedras,
quero moer a vida até a raiz,
esquartejar a flor que dela medra
e extrair a cor de seu matiz.

Antes que as minhas mãos se tornem vento,
quero espremer o sumo dos instantes,
quero esgotar os rumos poeirentos
de seus países fundos e distantes.

Antes que as minhas mãos quedem partidas
pelo verão sem flor de alheias calmas,
eu quero escancarar vossas feridas
e vergastar com o sol as vossas almas.

POEMAR

(a Nauro Machado)

O que botar no poema
e o que dele retirar?
Falar em bomba, em cinema,
ou em flor, em chuva, em luar?

Como Fernando Pessoa,
só ver mesmo o que se vê?
Mentir que a vida está boa,
se está ruim como o quê?

Denunciar, engajado,
o que qualquer cego vê?
Pregar ao operariado,
que nunca nem vai me ler?

Esculhambar o soldado
para ele vir me prender,
e eu, herói devotado,
aparecer na tv?

Esbravejar, ativista,
em prol da classe oprimida,
e passar dando entrevista
o resto da minha vida?

Pregar contra a ditadura,
o alto custo de vida,
ou desancar a censura
por minha obra escondida?

Citar Pound, Mallarmé,
Maiakovski, o cacete,
se o povo, em vez de me ler,
vai é batalhar seu leite?

Donne, Lorca, Baudelaire,
Hölderlin, Villon, Rimbaud?
Ser um grande bricoleur
do que se leu ou escutou?

Verlaine, Guillén, Neruda,
Corbière, Rilke, Musset?
Ah! Quanta coisa maçuda
um poeta tem de ler.

Gautier, Eliot, Sand,
Laforgue, Blake, Éluard?
Antropofálgis, noi-grandes,
Processo, práxis, dadá?

— | | —
Ser um poeta bem pobre
ou nadar no vil metal?
Sá-Carneiro, Régio, Nobre,
Cesário Verde, Quental?

Cecília, Drummond, Bandeira,
Jorge de Lima, Cabral?
Estrelar a vida inteira
no país do carnaval?

Ser um poeta Vinícius,
o grande, o de Moraes,
e escrever, por desperdício,
belos versos imorais?

Ser um poeta maldito,
engajado ou concretista?
Uma vivência de mito
ou a dura vida de artista?

Ser declamado nas praças,
nos comícios, pelos bares,
ou desandar na cachaça,
vivendo nos lupanares?

O que jogar no poema
e o que dele retirar?
Escalavrar o morfema,
numa sintaxe de ar?

E o corte epistemológico,
o sintagma estrutural?
Surrealista, gongórico,
hermético, marginal?

Chafurdar no dicionário
ou os rimances de cordel?
Circuito universitário
ou vitrola de bordel?

Que profissão desmedida
para um salário de fome.
Ser funcionário da vida
e escriturário do homem,

Cirurgião do concreto,
intérprete do universo;
deixar sangrar o alfabeto
na carne viva do verso,

passando a limpo o momento,
plantando fundo uma lavra
de fogo, de fúria e vento,
no duro chão da palavra.

Livros iluminam

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em fevereiro de 2023.
